

O PRÉDIO CENTRAL DA ESCOLA AGROTÉCNICA

FEDERAL DE SÃO CRISTÓVÃO/SE

E SUAS MEMÓRIAS

1924-1964



INSTITUTO FEDERAL
Sergipe



PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

- Organização e elaboração do texto:

Ana Lúcia Silva Santos

- Orientador:

Marco Arlindo Amorim Melo Nery

- Apoio:

Joaquim Tavares da Conceição

Karine Lessa Dantas

Petrovsck de Faro Leite Rolemberg

- Designers gráfico e diagramação:

Albert Santos Barbosa

Bruno Rosa Santos Correia

Aracaju, Sergipe

2019



Figura 1 – Maurício Graccho Cardoso, presidente do estado de Sergipe no período 1922-1926.	8
Figura 2 – O edifício do Patronato São Maurício, uma das grandes obras do governo do doutor Graccho Cardoso.	9
Figura 3 – São Maurício, soldado de Tebas que morreu como mártir da fé cristã.	10
Figura 4 – Aspecto do Patronato Agrícola São Maurício – 1924.	11
Figura 5 - Sala de aula no Patronato São Maurício.	13
Figura 6 – Aspecto do dormitório do Aprendizado Agrícola Benjamin Constant em 1940.	14
Figura 7 – Configuração do Refeitório.	15
Figura 8 – O pátio do prédio central no tempo de Patronato São Maurício.	16
Figura 9 – Planta baixa do edifício-internato.	17
Figura 10 – Fachada do edifício-internato do Colégio Agrícola Benjamin Constant 1970.	18
Figura 11 – Alunos na formatura defronte ao edifício-internato para as homenagens ao patrono Benjamin Constant (18/10/1956).	19

Figura 12

– Retrato de Benjamin Constant Botelho de Magalhães (acervo do Instituto Benjamin Constant).

20

Figura 13

– Visão panorâmica do Colégio Agrícola Benjamin Constant em 1960.

22

Figura 14

– Ex-aluno e ex-funcionário Ademilson Vieira Santos.

26

Figura 15

– Ex-aluno Aloisio dos Santos Braúna.

27

Figura 16

– Ex-aluno e ex-funcionário João Ferreira Lima.

28

Figura 17

– Ex-diretor Laonte Gama da Silva.

29

Figura 18

– Ex-funcionária Marita Santos da Cruz.

30

SUMÁRIO

Apresentação

6

Introdução

7

*O Surgimento
do Prédio Central.*

8

*Ante a Denominação de Patronato
Agrícola São Maurício Nasce o
Prédio Central da Escola Agrotécnica
Federal de São Cristóvão - SE.*

11

*Denominações da Escola
Agrotécnica Federal de São
Cristóvão-SE*

12

*O Dormitório Coletivo do Prédio
Central Permaneceu no Interior do
Prédio até o Ano de 1964.*

14

Configuração do Refeitório.

15

O Pátio do Prédio Central.

16

*A Planta Baixa do Prédio Central
Mostra Suas Divisões até 1948.*

17

SUMÁRIO

Mudança na Fachada do Prédio Central: Construção do Pavimento Superior.

18

19

O Uso do Prédio Central Para Além do Internato.

22

Modificação dos Espaços Arquitetônicos na Década de 1960: Transferência do Dormitório do Prédio Central Para os Pavilhões de Alojamentos

23

Considerações Finais

24

Um Prédio e Suas Memórias.

30

Pensamento

31

Referências

33

Entrevistas

Esta cartilha é um produto educacional integrante e fruto da dissertação intitulada “O prédio central da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão SE e suas memórias (1924-1964)”, uma proposta do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) coordenado pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), sendo o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS) uma das instituições associadas (IAs). Este produto educacional tem como objetivo ressaltar a trajetória dos espaços arquitetônicos do prédio central da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (SE), atual Instituto Federal de Sergipe (IFS) campus São Cristóvão, durante o período de 1924 a 1964, enfatizando seu surgimento e as principais mudanças ocorridas nas décadas de 1930, 1950 e 1960, incluindo, igualmente, o relato das memórias de alguns ex-alunos e ex-funcionários que vivenciaram alguma etapa do referido período. Salientamos que o prédio central é a mais antiga edificação do IFS ainda em funcionamento.

O teor das informações contidas nesta cartilha representa um material educativo que, esperamos, sirva de instrumento pedagógico a ser trabalhado pelos professores das diversas áreas de ensino a partir da perspectiva histórica, bem como possibilite ao público o acesso à história de um patrimônio histórico cultural do início do século XX, como forma de preservar sua memória e, conseqüentemente, valorizar a história institucional.

Tendo como marco temporal inicial o ano de 1924, a criação oficial da instituição Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão -SE, atual Instituto Federal de Sergipe Campus São Cristóvão, ocorreu no dia 31 de outubro, com a denominação primeira de Patronato Agrícola São Maurício, cujas finalidades eram a regeneração da infância desvalida e a preparação de mão de obra para atender as necessidades do meio agrícola. A efetiva inauguração desse patronato deu-se no dia 7 de maio de 1925 (NERY, 2006).

O final do ano de 1964 foi marcante para a história do internato do prédio central, tendo em vista que, até aquela data, a construção agregava funções administrativas e pedagógicas, devido à vivência dos estudantes no local. Sendo assim, o prédio central serviu até o ano de 1963 como um edifício-internato, sendo que entre 1960 e 1964 os alunos já eram distribuídos em ambientes distintos, conforme o nível de escolaridade: o dormitório do prédio central era ocupado pelos internos mais novos do Curso Ginásial; os novos alojamentos, por alunos do Curso Colegial.

“Finalmente, em 1964, o dormitório do edifício-internato foi completamente desativado, sendo o espaço reformado e aproveitado para atividades burocráticas. Iniciava-se a fase dos dormitórios-apartamentos.” (CONCEIÇÃO, 2007, p. 115).

Situado à altura do Km 96 da BR 101, no Povoado Quissamã, em São Cristóvão (SE), o prédio central da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão, hoje Instituto Federal de Sergipe campus São Cristóvão, integra a mais antiga instituição do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Diante do exposto na cartilha, podemos perceber, portanto, o quanto os objetivos educacionais estiveram relacionados à organização dos espaços arquitetônicos para a vida humana.

O prédio central da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (SE) nasceu da edificação do Patronato Agrícola São Maurício durante o governo do presidente do estado de Sergipe Maurício Graccho Cardoso (1922-1926).



Figura 1 – Maurício Graccho Cardoso, presidente do estado de Sergipe no período 1922-1926

Fonte: Acervo do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura – ITBEC.

Na inauguração do Patronato São Maurício, o discurso proferido por Graccho Cardoso (NERY, 2006) foi permeado de valores cristãos, ressaltando a obra caridosa que se estava ali inaugurando, os aspectos morais destacados pela instituição e a regeneração da juventude, vislumbrando um futuro de esplendor para o estado de Sergipe: “Com o convencimento de um crente, elevo o espírito ao Todo Poderoso que me inspirou a criação deste instituto [...] O princípio divino das assistências à infância, da caridade legal, ensaia, pela primeira vez, insinuar-se na legislação do Estado e se estrutura no regulamento desta casa, fadada a reconstruir, pelo ensino, a nossa vitalidade agrária. Reconhecendo indubitavelmente no homem o mais precioso dos capitais, a administração pública espontaneamente se imite na tutela dos menores abandonados [...] Bem compreendeis que a ideia de institutos como este não admite cálculos egoísticos nem propósitos que não sejam frutos de uma paixão acendrada pelos ideais humanos [...] O poder público no presente tem obrigações mais amplas ante os graves e fundamentais destinos da pátria: não só instruir, mas educar; tomar pela mão, a beira da voragem, a infância desamparada e convertê-la em fator útil a potencialidade produtiva da comunhão [...] O zelo da pátria, de que se originou o nosso ser, e a obrigação de contribuir para a defesa da República e dos seus cânones, deverão ser despertados pela educação moral e cívica [...] Destarte, o ensino religioso não pode ser banido deste recinto. Deus tem, conseqüentemente, de ser aqui também ensinado e reverenciado como autor que é da Natureza.”



O edifício do Patronato São Maurício, uma das grandes obras do governo do doutor Graccho Cardoso.

Figura 2 – O edifício do Patronato São Maurício, uma das grandes obras do governo do doutor Graccho Cardoso.

Fonte: Revista Fon-Fon, (1925, nº 25, p. 66).

Devoto de impetuosa religiosidade, não foi por acaso que Maurício Graccho Cardoso escolheu para o Patronato Agrícola de Sergipe o nome de “São Maurício”, santo escolhido para ser o padroeiro da instituição, ou seja, aquele que vela, protege e guarda.

“A primeira denominação do Patronato Agrícola de Sergipe foi São Maurício, talvez uma auto-homenagem do Presidente do Estado Maurício Graccho Cardoso, idealizador da instituição [...]” (NERY, 2006, p. 26).

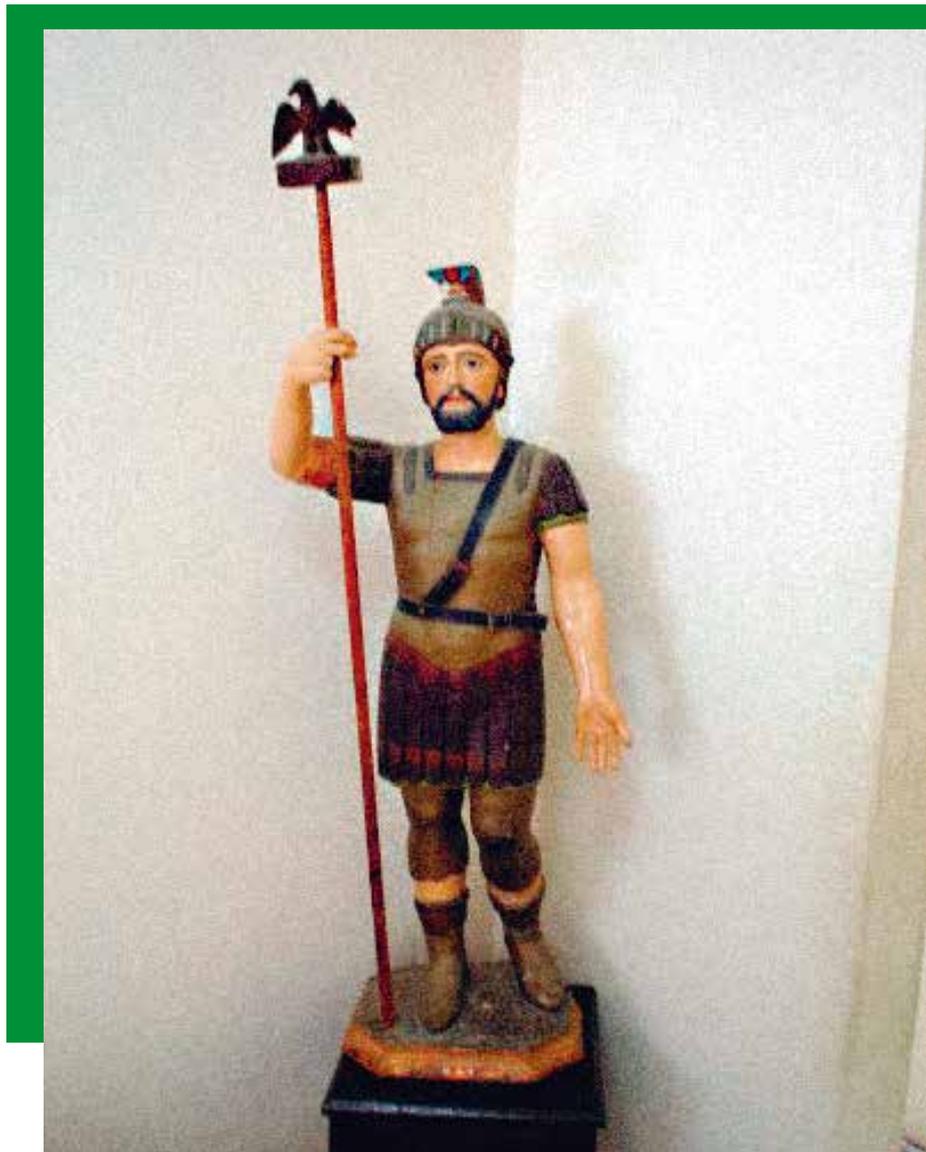


Figura 3 – São Maurício, soldado de Tebas que morreu como mártir da fé cristã.

Fonte: Nery (2006, p. 27).ITBEC.

ANTE A DENOMINAÇÃO DE PATRONATO AGRÍCOLA SÃO MAURÍCIO NASCE O PRÉDIO CENTRAL DA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE SÃO CRISTÓVÃO / SE.

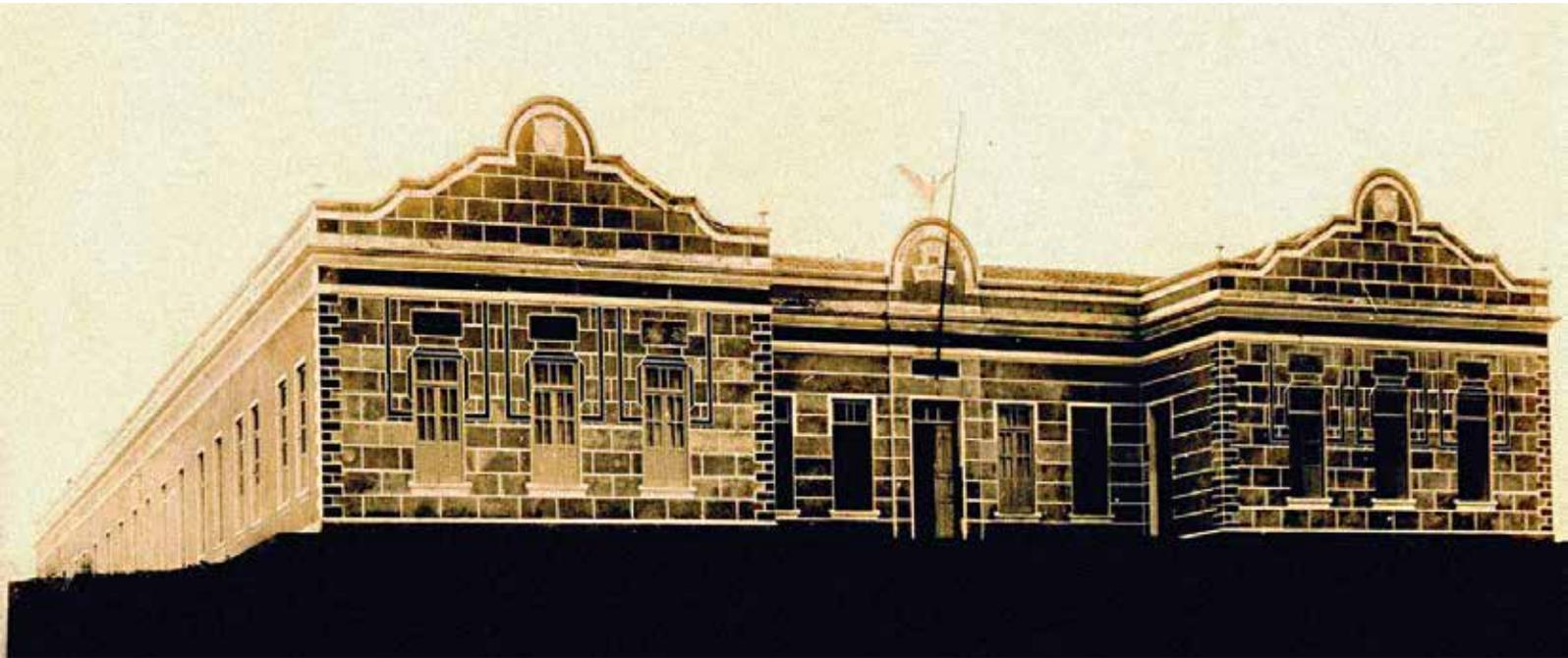


Figura 4 – Aspecto do Patronato Agrícola São Maurício –1924

Fonte: Acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB, 1924).

Criado por Maurício Graccho Cardoso, presidente do estado de Sergipe (1922-1926), tinha formato de “U”, com fachada típica das escolas construídas naquela época, bem como contava com a presença de uma águia (fachada principal), símbolo muito utilizado nos prédios construídos durante o seu governo.

O corpo central, todo construído de tijolo e alvenaria, é coberto de telhas tipo nacional, mede treze metros de largura e treze metros de comprimento, constituído por duas alas distintas, dispondo cada uma de dez metros de largura e sete metros de comprimento (NERY, 2006, p. 28).

A instituição em referência desde sua origem recebeu várias denominações e modelos de ensino:

DENOMINAÇÃO	PERÍODO	MODELOS DE ENSINO	
		ENSINO PROFISSIONAL AGRÍCOLA	ENSINO PROPEDEÚTICO
Patronato São Maurício	1924	Curso Agrícola Básico	Curso Primário
Patronato de Menores Francisco de Sá	1926		
Patronato de Menores Cyro de Azevedo	1931		
Aprendizado Agrícola de Sergipe	1934-1939		
Aprendizado Agrícola Benjamin Constant	1939-1946		
Escola de Iniciação Agrícola Benjamin Constant	1946-1952	Curso de Iniciação Agrícola	Curso Primário
Escola Agrícola Benjamin Constant	1952-1957	Curso de Iniciação Agrícola	Ensino Secundário (Curso Ginásial)
		Curso de Mestria Agrícola	
Escola Agrotécnica Benjamin Constant	1957-1964	Curso de Iniciação Agrícola	Ensino Secundário (Cursos Ginásial e Colegial)
		Curso de Mestria Agrícola	
		Curso Técnico Agrícola	
Colégio Agrícola Benjamin Constant	1964-1979	Curso de Iniciação Agrícola	Ensino Médio (Cursos Ginásial e Colegial)
		Curso de Mestria Agrícola	
		Curso Técnico Agrícola	

Fonte: Nery (2006); Conceição (2007).

A partir de 1979, a instituição em referência recebeu a denominação de Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão-SE, com a qual permaneceu até o ano de 2008, quando, através da “LEI Nº 11.892, de 29 DE DEZEMBRO DE 2008” (SILVA, 2009, p. 13), com a criação dos Institutos Federais, passou a ser denominada de Instituto Federal de Sergipe Campus São Cristóvão.

Durante o período de 1924 a 1934, o espaço arquitetônico do prédio central não sofreu modificações significativas em sua estrutura física. Em seu interior, tinha a sala do diretor, a enfermaria, o museu, a biblioteca, a secretaria, os banheiros e os dormitórios, além das salas de aula (NERY, 2006).

ANTE A DENOMINAÇÃO DE PATRONATO AGRÍCOLA SÃO MAURÍCIO NASCE O PRÉDIO CENTRAL DA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE SÃO CRISTÓVÃO / SE.

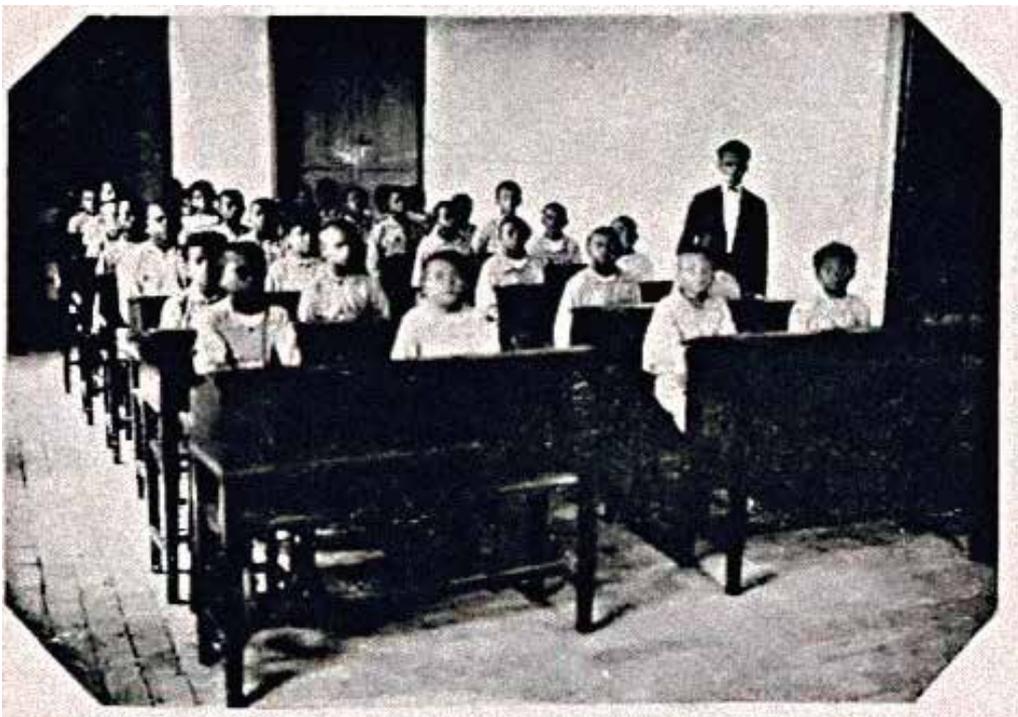


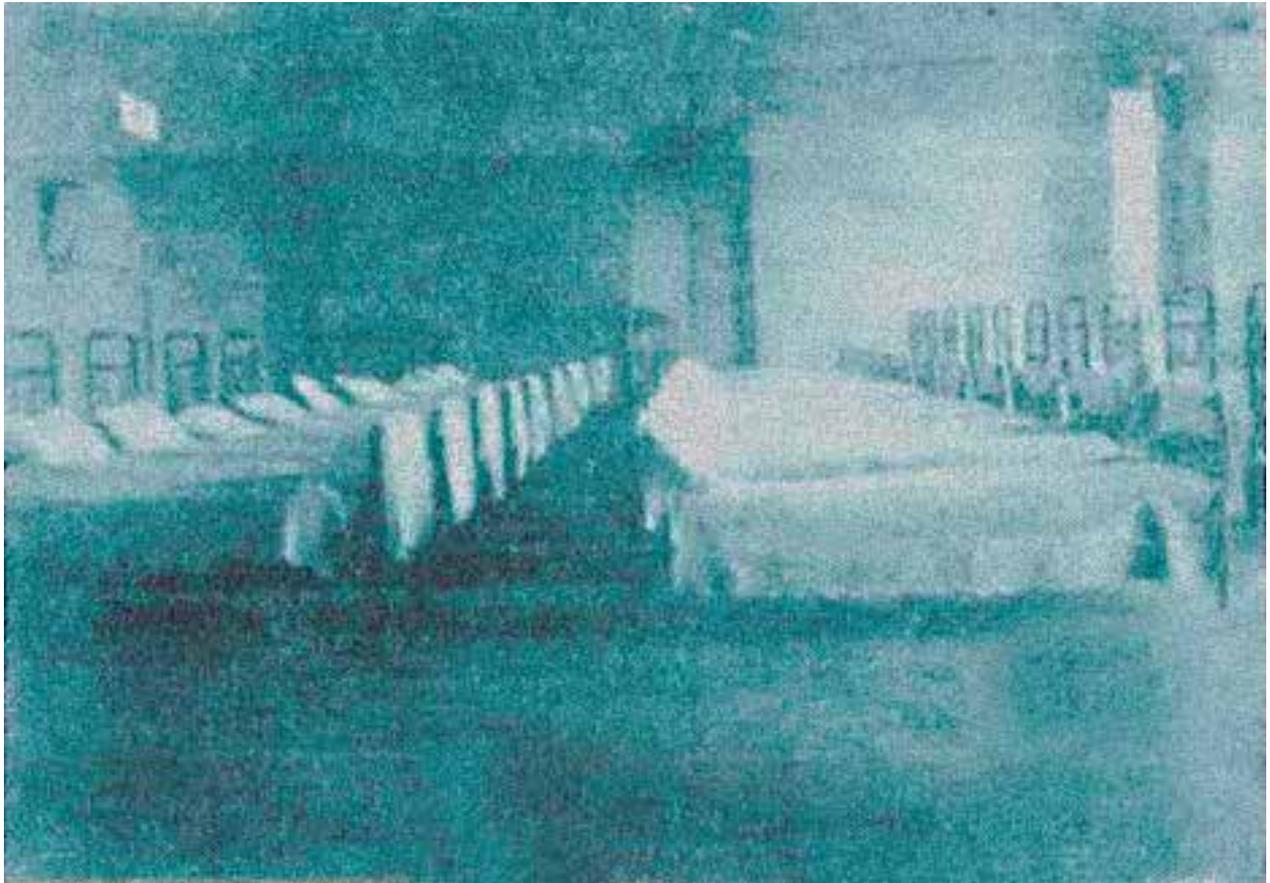
Figura 5- Sala de aula no Patronato São Maurício.

Fonte: Revista Fon-Fon, 1925, nº 25, p. 66.

Dez anos após a sua criação, o Patronato de Menores Cyro de Azevedo, última denominação do Patronato São Maurício, foi federalizado e transformado em Aprendizado Agrícola de Sergipe (NASCIMENTO, 2004), passando do governo do estado de Sergipe à vinculação ao Ministério da Agricultura. Na fase de instalação do Aprendizado Agrícola de Sergipe, no período de 1935 a 1940, ocorreram remodelações e novas construções para efetivação do novo modelo de ensino.

Na remodelação na década de 1930,

[...] o edifício-internato sofreu transformações internas e externas. Internamente, o edifício-internato passou a contar com o gabinete do diretor, o setor de escrituração, um salão de aulas e celebrações religiosas, sala do gabinete de física, quatro salões de aula, o dormitório (um grande vão coletivo), rouparia, refeitório, cozinha, banheiros e sanitários e um grande pátio descoberto de terra batida, rodeado por uma pequena varanda (CONCEIÇÃO, 2012, p. 120).



*Figura 6 – Aspecto do dormitório do
Aprendizado Agrícola Benjamin
Constant em 1940.*

Fonte: Conceição (2007, p. 111).

O espaço ocupado pelo dormitório coletivo mostra um grande vão com camas dispostas em fileiras, de forma que todas podiam ser vistas, provavelmente para facilidade de vigilância e controle dos internos, “uma organização do dormitório semelhante ao de um quartel” (CONCEIÇÃO, 2007, p. 114), típica de uma disciplina severa. O dormitório coletivo foi herança do Patronato Agrícola construído para menores desvalidos.



*Figura 7 – Aspecto do refeitório do
Aprendizado Agrícola Benjamin
Constant em 1940.*

Fonte: Conceição (2007, p. 116).

A disposição do refeitório, onde eram servidas as refeições dos internos, era do lado esquerdo do prédio, separado do dormitório pelo grande pátio. O ambiente do refeitório contava com mesas de madeira retangulares, com capacidade para dez pessoas e forradas com toalhas brancas. “Inicialmente, os copeiros colocavam os alimentos em tigelas, e os internos se serviam em pratos: Sentavam dez alunos, quatro de um lado e quatro do outro, e os dois chefes de mesa” (LIMA, 2005, apud CONCEIÇÃO, 2012, p. 135).

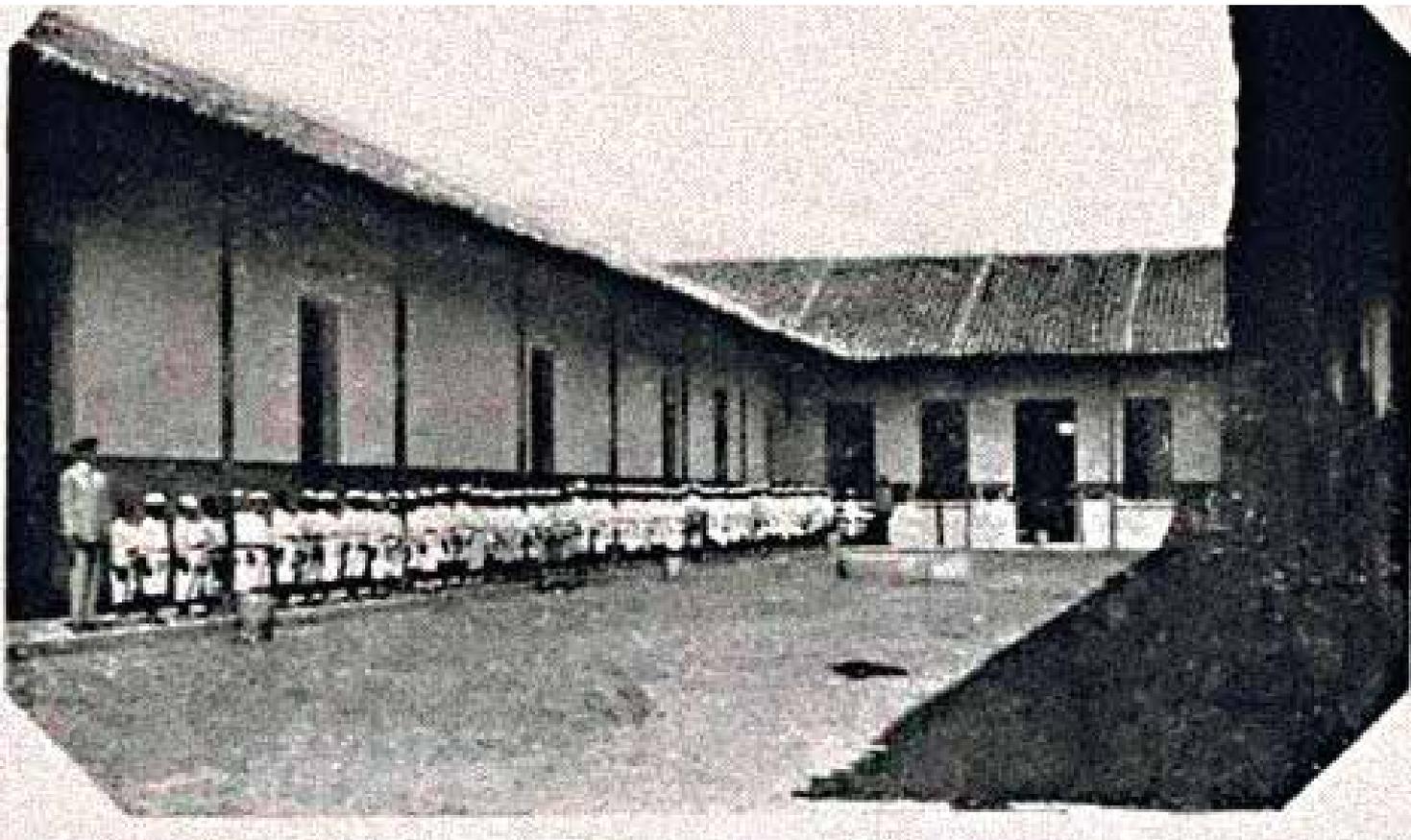


Figura 8 – O pátio do prédio central no tempo de Patronato São Maurício.

Fonte: Revista Fon-Fon, 1925, nº 25, p. 66.

O pátio localizava-se no interior do prédio central; nos fundos, existia um muro grande, com um portão. Em formato de “U”, esse pátio favorecia a atividade de inspeção dos internos, revista antes de entrar no dormitório para dormir, exercícios físicos, cumprimento de castigos e descanso, organização de filas para entrar no refeitório, ou no dormitório, bem como servia para ventilação e iluminação (CONCEIÇÃO, 2012).

A PLANTA BAIXA DO PRÉDIO CENTRAL MOSTRA SUAS DIVISÕES ATÉ 1948

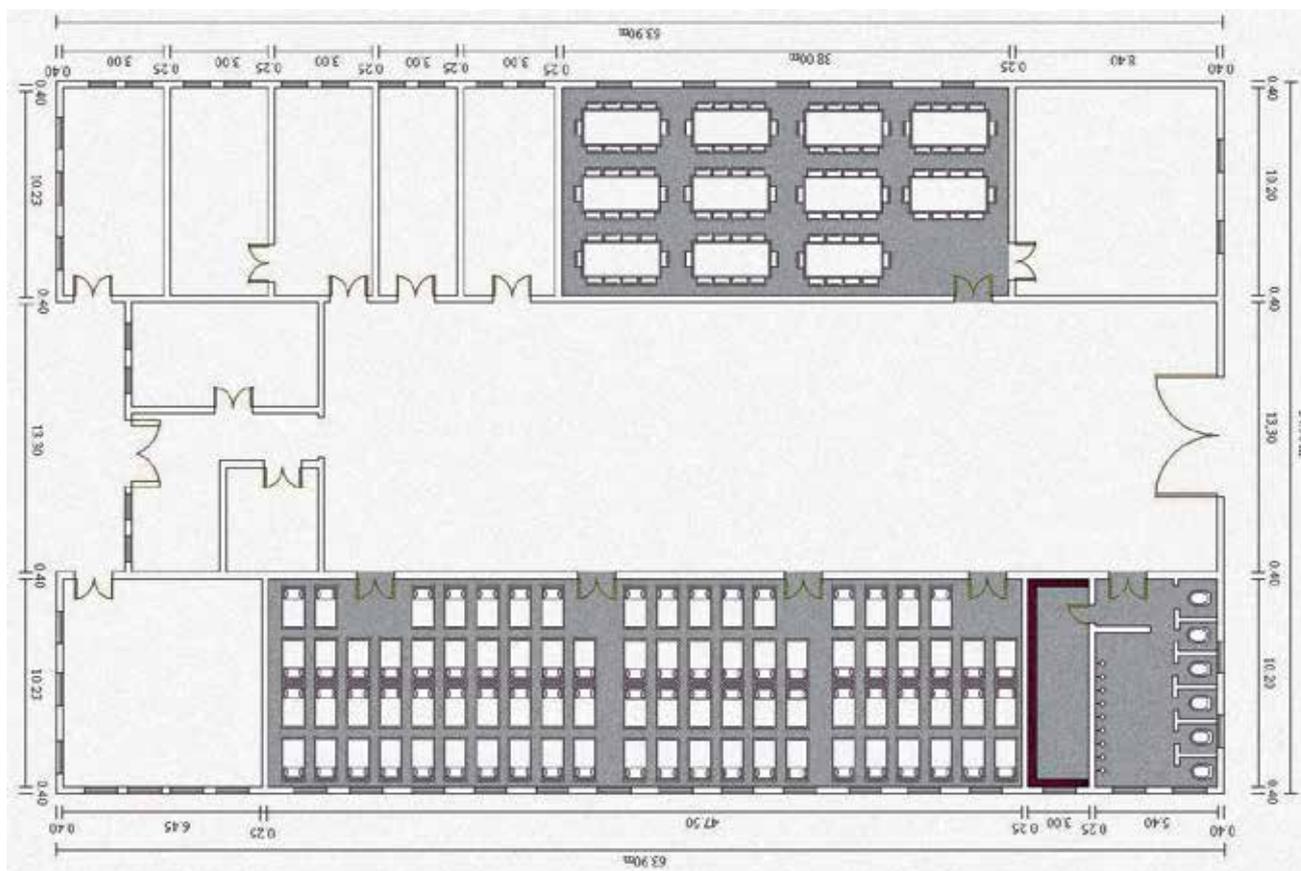


Figura 9 – Planta baixa do edifício-internato.

Fonte: Conceição (2007, p. 108).

Na primeira parte do prédio, funcionavam a administração (gabinete do diretor e escrituraria), “gabinete de história natural e física e química” e os salões de aula. Na segunda parte, funcionavam os espaços específicos do internato. No lado direito do prédio, ficavam o dormitório coletivo, o conjunto de banheiros e o vestiário. No lado esquerdo, ficavam a cozinha, o refeitório, rouparia e salões para aulas e outras finalidades, tais como a biblioteca, secretaria, “salão de honra”. Na parte central, ficava o pátio; no “fundo do prédio, existia um muro grande com um portão” (CONCEIÇÃO, 2007, p. 108).

A partir de 1948, houve mudanças nos espaços arquitetônicos do prédio central: a transferência do gabinete do diretor para o pavimento superior; os salões de aula foram destinados para outras atividades devido à construção do pavilhão pedagógico, espaço onde ficavam as salas de aula (CONCEIÇÃO, 2007).

MUDANÇA NA FACHADA DO PRÉDIO CENTRAL: CONSTRUÇÃO DO PAVIMENTO SUPERIOR

No início de 1948, houve a ampliação do conjunto arquitetônico com a reforma da fachada do prédio central e a construção do pavimento superior. Essa remodelação seguiu a determinação do Ministério da Agricultura sobre as normas pedagógicas do Ministério da Educação para realização de construções novas ou reformas nos prédios existentes, devendo obedecer ao modelo padrão adotado pelos estabelecimentos federais de ensino agrícola do Ministério da Agricultura (CONCEIÇÃO, 2007).

Então, o pavimento superior do edifício-internato, com uma área total construída de 222,75 m², foi concluído em 1950. Com a nova reforma, a fachada foi alterada, sendo retirada a escultura da águia situada na frente do prédio; este ganhou um primeiro andar, no qual foram instalados o gabinete do diretor e a escrituraria. “A disposição do gabinete do diretor, na parte superior do prédio possibilitava a este uma visão privilegiada para o pátio de recreio, entrada do dormitório e do refeitório, enquanto da varanda frontal tinha uma visão do movimento externo [...]” (CONCEIÇÃO, 2012, p. 122-123).

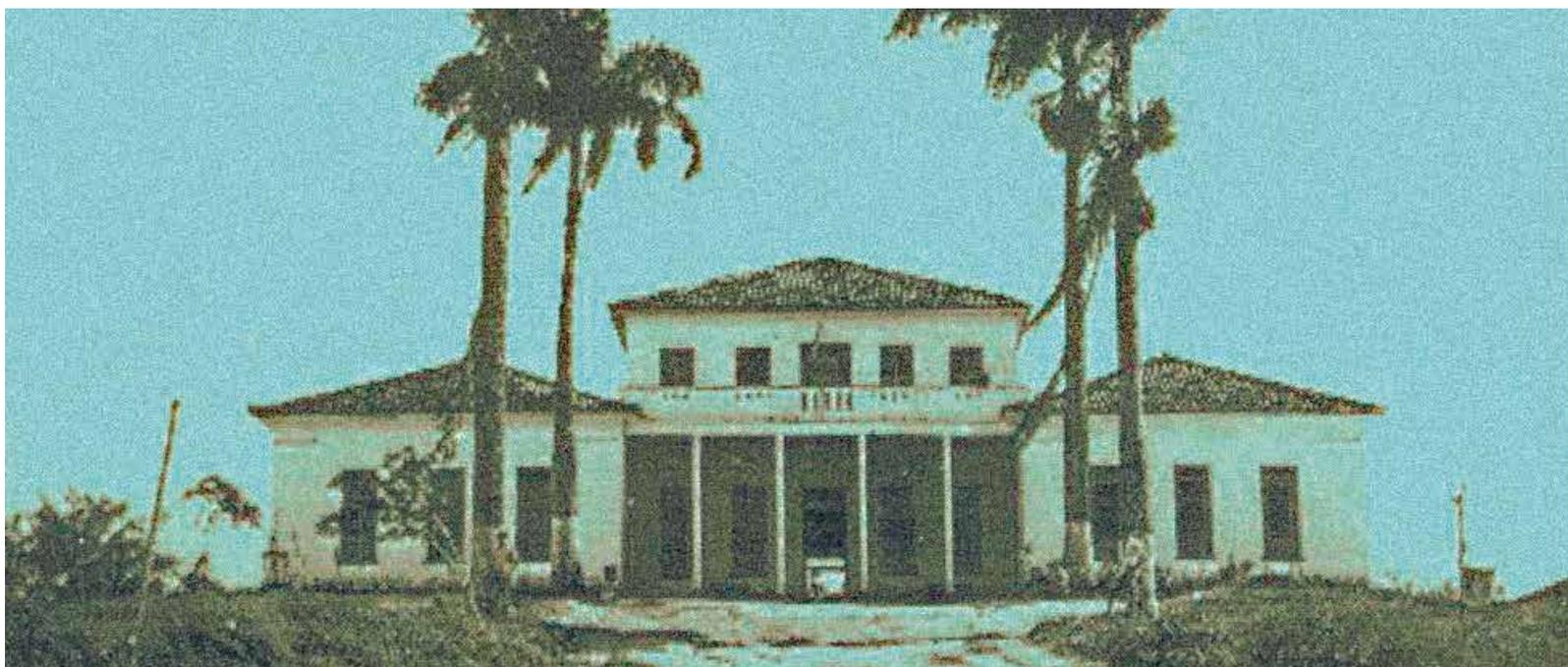


Figura 10 – Fachada do edifício-internato do Colégio Agrícola Benjamin Constant 1970.

Fonte: Conceição (2007, p. 103).

No prédio central, também havia comemorações cívicas e celebrações religiosas.



Figura 11 – Alunos na formatura defronte ao edifício-internato para as homenagens ao patrono Benjamin Constant (18/10/1956).

Fonte: Conceição (2007, p. 138).

Em frente ao prédio central, foi realizada a “[...] cerimônia de homenagem a Benjamin Constant no dia 18 de outubro de 1956, em que se observam os alunos na formatura dispostos em colunas, em posição de sentido, defronte ao edifício-internato, preparados para o canto do hino e hasteamento dos pavilhões. Benjamin Constant Botelho de Magalhães nasceu no dia 18 de outubro de 1836, na cidade de Niterói e faleceu no dia 22 de janeiro de 1891, na cidade do Rio de Janeiro [...]” (CONCEIÇÃO, 2007, p. 133-134, 137).



Figura 12– Retrato de Benjamin Constant Botelho de Magalhães (acervo do Instituto Benjamin Constant).

O dia 18 de outubro, nascimento de Benjamin Constant, foi a data mais comemorada na escola e ensejou cerimônias anuais com diversos atos solenes alusivos. “Benjamin Constant, veja bem, ele era o patrono da escola, aí todo ano havia uma festividade lá no dia de Benjamin Constant. Nessa época havia festa, hasteamento da bandeira, cantava o hino nacional, o professor discursava, era festa o dia todo. Era comemoração ao dia de Benjamin Constant que era o Patrono da escola. Enquanto não fizeram mudança no nome da escola ele era o patrono da escola” (LIMA, 2019).

Até o início de 1950, as missas eram celebradas em um salão do edifício-internato (prédio central), onde ficava o altar de São Maurício e de Nossa Senhora da Conceição, destacando-se a função religiosa praticada no prédio central (CONCEIÇÃO, 2007).

Em 1957, ocorreu autorização para a escola ministrar o Curso Técnico, o que provocou o aumento do número de internos. Essa nova modalidade de ensino foi instituída com o objetivo de formar técnicos agrícolas de nível médio, aumentando a demanda de internos pela possibilidade de oferta do Curso Profissional Agrícola concomitantemente ao Curso Colegial Agrícola (CONCEIÇÃO, 2012).

MODIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS ARQUITETÔNICOS NA DÉCADA DE 1960: TRANSFERÊNCIA DO DORMITÓRIO DO PRÉDIO CENTRAL PARA OS PAVILHÕES DE ALOJAMENTOS.

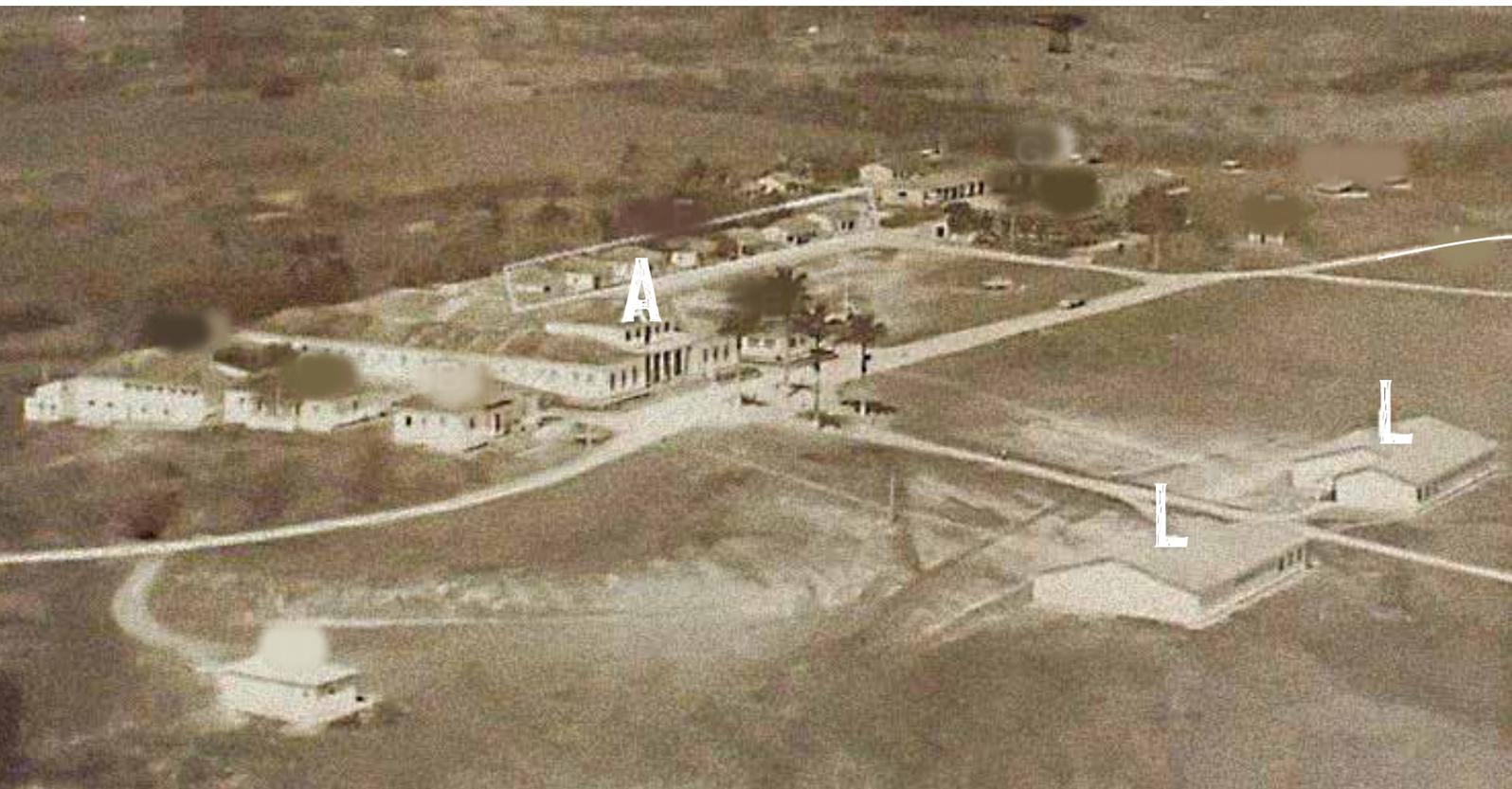


Figura 13 – Visão panorâmica do Colégio Agrícola Benjamin Constant em 1960.

Fonte: Conceição (2007, p. 107).

As inovações do novo modelo de ensino provocaram uma outra mudança no espaço físico de grande importância para o internato, que implicou na construção de dois pavilhões de alojamentos (letra L) defronte ao prédio central (letra A). “O crescimento de matrículas nas décadas de 1950 e 1960 impôs ampliações permanentes [...]” (NASCIMENTO, 2004, p. 103), resultando nas modificações dos espaços arquitetônicos do prédio central.

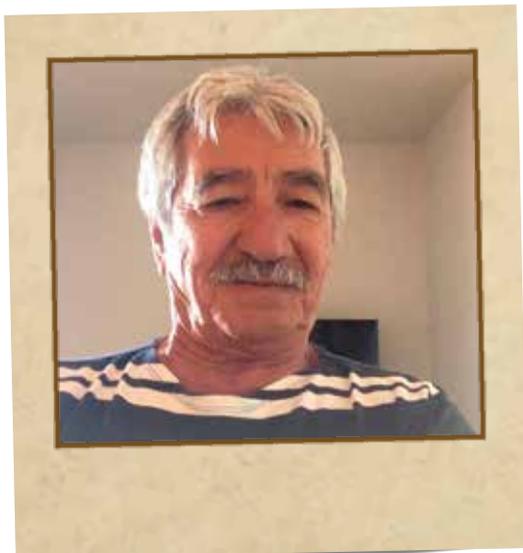
Em 1964, o dormitório do edifício-internato (prédio central) foi completamente desativado, sendo o espaço aproveitado para atividades administrativas (CONCEIÇÃO, 2012). O prédio central, ao longo de quatro décadas (1924 a 1964), absorveu funções administrativas e pedagógicas disciplinares, sendo, desde Patronato Agrícola São Maurício até os dias atuais, a maior referência de valor histórico institucional de extremo significado para a história da instituição.

Diante das informações inferidas sobre a trajetória dos espaços arquitetônicos do prédio central desde seu surgimento, em 1924, com a edificação do Patronato Agrícola São Maurício, até 1964, quando o internato foi desativado completamente, passando a desempenhar funções administrativas, o prédio central passou a ser conhecido como prédio central administrativo. Ora, faz-se necessária a preservação desse patrimônio histórico cultural para a identidade institucional, bem como para que as gerações futuras possam compreender e valorizar a instituição, mantendo viva a sua memória. Partindo desse princípio, trechos de relatos de ex-alunos e ex-funcionários que conviveram no prédio central durante alguma etapa dos períodos compreendidos entre as décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960 serão compartilhados em “Um Prédio e Suas Memórias”.



UM PRÉDIO E SUAS MEMÓRIAS





ADEMILSON VIEIRA SANTOS

Ex-aluno e ex-funcionário

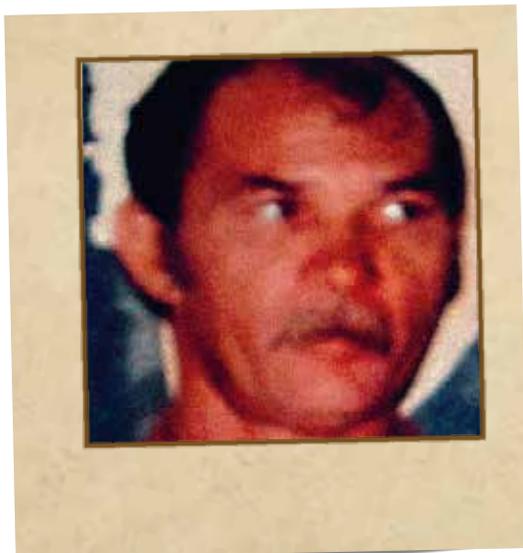
Figura 13

Fonte: arquivo da autora.

“Estudei na instituição de 1961 a 1967, sendo que, de 1961 a 1964, cursei Mestría Agrícola, o qual correspondia ao curso ginásial, e, de 1964 a 1967, cursei o Técnico Agrícola. Dormi no prédio central por quatro anos. Eu era interno. Todo o curso naquela época era interno. Ali, a gente dormia, estudava, fazia banca, se alimentava, fazia a atividade que cada aluno tinha que executar, seja na limpeza do banheiro, de pavilhão de alojamento. Então, só tenho gratas lembranças do que a escola me deu, pois triste de quem era do interior se não tivesse aquela escola. Algumas pessoas não se adaptavam bem, porque nós chegávamos no mês de março, retornávamos na Semana Santa, voltávamos, íamos para casa no meio do ano, e só voltávamos em dezembro. Então, era pesado, e muitas pessoas desistiam; nem todos se tornavam Técnico Agrícola.”

Relato de Santos, em entrevista realizada em 30 de abril de 2019





ALOISIO DOS SANTOS BRAÚNA

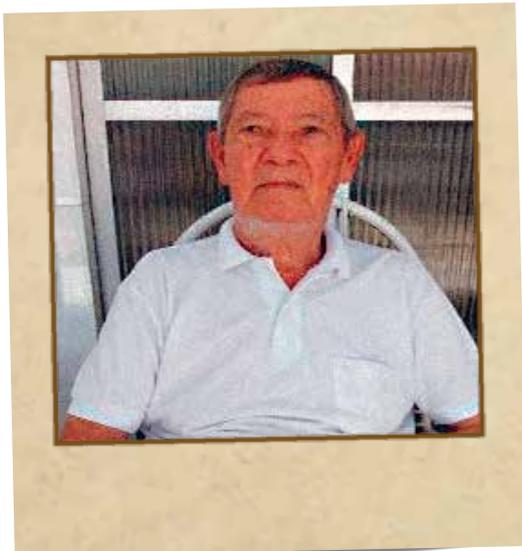
Ex-aluno

Figura 14

Fonte: arquivo da autora.

“Estudei e morei no prédio central durante o período de 1959 a 1961. Na época, a escola possuía a denominação de Colégio Agrícola Benjamin Constant. A lembrança mais marcante que carrego, até os dias de hoje, é das palmeiras que ficavam em frente ao prédio. Quando cheguei lá, tinha o dormitório, refeitório, alfaiataria, logo na entrada a administração, as salas de aula. Saindo do prédio, à esquerda, mais ou menos dez metros, já começavam as salas de aula. Lá, só tinha o restaurante, a cozinha, o pátio aberto. Tinha uma alfaiataria e, saindo do prédio, a administração. O diretor era Dr. Wanderley. Já existia a parte de cima, não houve muita mudança das instalações da época que estudei. A representação e o significado do prédio central foram muito importantes pra minha vida ultimamente, principalmente na maneira de agir de respeitar as pessoas. Foi muito bom quanto às regras. À noite, quando terminava a janta, começava o período de estudar. Estudava no refeitório. Do outro lado, tinha o dormitório e não tinha como conversar. As regras eram muito rígidas e tinha que cumprir. Os guardas ficavam a noite toda rondando. Saindo da porta principal do prédio, entrando para a direita, logo anexo, tinha a cantina e o lugar de jogar. O estudo era muito bom, bem disciplinado. No refeitório, se conversasse, era posto pra fora. A mesa comportava oito pessoas, entre alunos e funcionários. No refeitório, ou comia calado ou era colocado pra fora. Tinha que respeitar as normas do colégio. O pátio era só pra estudar. Podia ficar até nove, dez horas estudando, mas se tivesse conversando o guarda chamava a atenção: vai estudar ou conversar? Estudei o ginásial durante quatro anos, e dormia lá mesmo no dormitório dentro do prédio.”

Relato de Braúna, em entrevista realizada em 5 de maio de 2019



JOÃO FERREIRA LIMA

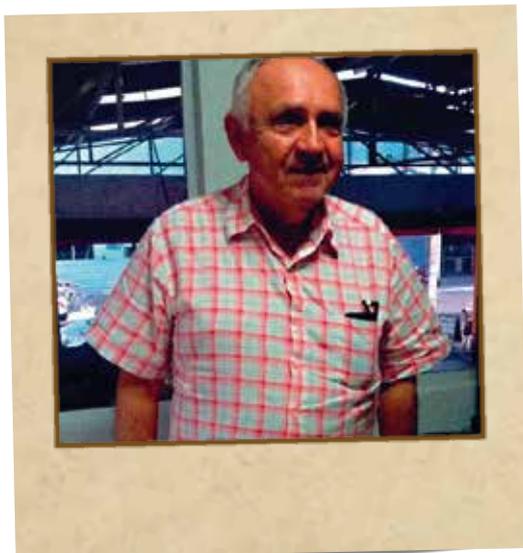
Ex-aluno e ex-funcionário (João Pelotão)

Figura 15

Fonte: arquivo da autora.

“Quando comecei a estudar ali, em 1947, 1948, até a metade de 1949, quando caiu o telhado do refeitório e o diretor mandou todo mundo embora... nós voltamos em 1950, quando já estava tudo reformado. Eu não me formei porque não havia Curso Técnico, só tinha o segundo ano de Mestria Agrícola. Pra mim, o melhor momento foi com Dr. João, quando me empreguei. Ele construiu tudo ali, ele assumiu no fim de 1950. Ele veio de lá do exército e foi nomeado na escola. O andar de cima, ali, quem construiu foi Dr. Lima, o primeiro diretor quando passou pra federal, porque ali tudo era do estado. Aí os pais iam levar os meninos pra estudar. Naquela época, quando era do estado, tinha uma caminhonete que pegava os meninos de rua e levava pra lá, era Patronato Agrícola. Aí, quando passou pra federal, foi Dr. Lima, tinha a águia representando Graccho Cardoso, tudo que ele construía ele colocava uma águia. Quando eu cheguei pra estudar, em 1947, ali não tinha piso nem nada, nem escada, tava construindo em cima, mas só funcionava em baixo. A lembrança que mais marcou é que o prédio central praticamente foi a minha casa; ali a gente dormia, tomava banho, estudava, fazia tudo ali dentro, a casa do estudante era ali. Todas as necessidades dos alunos a partir da alimentação era ali. O prédio central representou tudo, porque na época, tudo dos alunos era ali dentro (dormitório, refeitório, salas de aula). Representa a vida dos alunos, era quase tudo ali dentro. A melhor lembrança também que tenho da escola foi quando me empreguei lá em 1951, passei a ser funcionário. Tudo corria bem, todo mundo produzia. Fiquei conhecido por ‘João Pelotão’ porque todo ano, em 7 de setembro, eu puxava o segundo pelotão. Aí, os colegas colocaram o apelido de ‘João Pelotão’.”

Relato de Lima, em entrevista realizada em 30 de abril de 2019



LAONTE GAMA DA SILVA

Ex-diretor

Figura 16

Fonte: arquivo da autora.

“Entrei na escola em 1961; como professor, ensinei Filosofia e Sociologia, em 1968 assumi a escola como diretor e fiquei até me aposentar. O prédio central, para mim, é um prédio histórico, bonito; eu, às vezes, da sacada, pegava um binóculo e avistava os alunos no campo. O prédio central, para mim, representa os lados sentimentais, ali era o ponto central: era casa, comida e roupa lavada. As lavadeiras lavavam as roupas dos alunos dentro do rio. Foi quando a SUDENE me deu as máquinas para lavar as roupas.”

Relato de Silva, em entrevista realizada em 20 de maio de 2019



MARITA SANTOS DA CRUZ

Ex-funcionaria

Figura 17

Fonte: arquivo da autora.

“Minha mãe chegou em 1935 para trabalhar como lavadeira, quando ainda era do estado, era Patronato com o diretor Dr. Aristóteles Barreto, que era compadre de minha mãe; ele era meu padrinho. Quando cheguei para trabalhar, em 1936, com 18 anos de idade, já era Aprendizado, não era mais do estado, passou para federal. Comecei a trabalhar como lavadeira; naquela época, as roupas dos alunos eram lavadas no rio, logo abaixo do prédio central. Lavava as roupas no rio e passava com ferro de brasa. O prédio central não tinha o andar... era baixo, tudo era em baixo, tinha uma águia em cima, não dava para ver o telhado, tinha platibanda, era parecido com a escola Manoel Luiz, que também tinha uma águia. Dentro, funcionava tudo: a sala do diretor era na frente, o dormitório era dentro, depois o banheiro, a padaria funcionava no fundo do prédio. A farda, os lençóis dos alunos eram feitos no colégio, tinha um alfaiate que fazia. Tudo era de lá. Os alunos ajudavam na limpeza do prédio (copa, padaria, dormitório etc.). Desde que cheguei, havia celebrações de missas, formatura, procissão de Nossa Senhora da Conceição. A imagem do Santo padroeiro São Maurício e Nossa Senhora da Conceição ficavam no salão de aula dentro do prédio central. Quando era do estado, tava muito fracassado; quando passou para federal, aí Dr. Lima assumiu; passou dez anos e melhorou tudo: veio cama nova, tudo melhorou.”

Relato de Cruz, em entrevista concedida a Joaquim Tavares da Conceição em 4 de janeiro de 2006

Um povo que preserva a sua história, sua memória e seus habitantes está possibilitando diretamente a construção de um futuro para com sua gente e sua cultura. E, por mais que estejamos em outro tempo (com a tecnologia de ponta, as novas mídias, a internet, era digital, etc.), um povo se torna “rico” mantendo seus traços e requintes culturais dos seus antepassados, fazendo um encontro do velho como o novo, do erudito com o popular, do local/regional com o nacional, da literatura com os causos regionalistas, do simples com o complexo.

Joelson Ramalho Rolim

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. *A pedagogia de internar: uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão - SE (1934-1967)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2007.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. O Controle do Espaço, do Tempo e das Atividades no Internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão - SE. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, v. 1, p. 57-70, jul./dez. 2008.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. *A pedagogia de internar: história do internato no ensino agrícola federal (1934-1967)*. São Cristóvão: UFS, 2012.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Cerimônias de homenagens ao “fundador da República brasileira” realizadas na Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão - SE (1939-1960). *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 16, n. 34, p. 225-241, maio/ago. 2016.

DE VARAZZE, Jacopo. *Legenda áurea*. Vida de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB, 1924)

Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura – ITBEC.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Memórias do aprendizado: oitenta anos de ensino agrícola em Sergipe*. Maceió: Catavento, 2004.

NERY, Marco Arlindo Amorim Melo. *A regeneração da infância pobre sergipana no início do Século XX: o Patronato Agrícola de Sergipe e suas práticas educativas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

NERY, Marco Arlindo Amorim Melo. Aprendizados e patronatos: um cotejo entre dois modelos de ensino agrícola das primeiras décadas do século XX (1911-1934). *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 2, p. 25-32 jan./jun. 2009.

OLIVEIRA, Ana Carla Menezes de. *A trajetória histórica da formação em economia doméstica na Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (1952 a 1967)*. Aracaju: IFS, 2016.

REVISTA FON-FON, ano XIX, nº 25, Rio de Janeiro/RJ, 29 de agosto de 1925, p.66.

SILVA, Caetana Juracy Resende (Org.). *Institutos Federais lei 11.892, de 29/11/2008: comentários e reflexões*. Natal: IFRN, 2009. 70p. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3753-lei-11892-08-if-comentadafinal&category_slug=marco-2010-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 17 de jun. de 2019.

BRAÚNA, Aloisio dos Santos. Entrevista concedida à autora em 5 de maio de 2019.

CRUZ, Marita Santos da. Entrevista concedida a Joaquim Tavares da Conceição em 4 de janeiro de 2006.

LIMA, João Ferreira. Entrevista concedida à autora em 30 de abril de 2019.

SANTOS, Ademilson Vieira. Entrevista concedida à autora em 30 de abril de 2019.

SILVA, Laonte Gama da. Entrevista concedida à autora em 20 de maio de 2019.

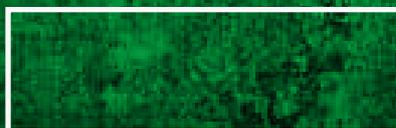
Ana Lúcia Silva Santos

O PRÉDIO CENTRAL DA
ESCOLA AGROTÉCNICA

FEDERAL DE SÃO CRISTÓVÃO/SE

E SUAS MEMÓRIAS

1924-1964



INSTITUTO FEDERAL
Sergipe

PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

